****

**3º Domingo da Quaresma (20.3.2022)**

**A figueira estéril**

Amados irmãos, ao cumprimentá-los, transmito meus sinceros desejos de saúde e paz.

Neste domingo, o terceiro da Quaresma, continuamos nossa caminhada em direção à Páscoa, com a missão de revisarmos a nossa vida, revermos as nossas relações que nos vinculam com a nossa própria intimidade, com o outro e com Deus. Nesse processo, a conversão deve ser nossa meta. Não um mero arrependimento de ações inadequadas, tampouco uma proposta somente da sua não repetição. A verdadeira conversão representa um renascer, uma real transformação, uma radical mudança de nossas relações estabelecidas no cotidiano. Nas semanas anteriores, já assumimos a necessidade e a importância de mudanças, especialmente aquelas decorrentes do enfrentamento com o mal, com as adversidades que se antepõem no caminhar em direção à almejada santidade. Reconhecemos, de forma agradecida, a elevação de nossa humanidade à divina condição por meio da transfiguração de Jesus, possibilitando-nos, ao ouvi-lo e segui-lo, de esperançosamente buscarmos sua eterna companhia, sempre lutando contra os obstáculos ilusórios deste mundo.

Na passagem deste terceiro domingo da Quaresma, somos, novamente, orientados pelo Cristo Jesus a repensarmos sobre a nossa existência, buscando a conversão que representa a verdadeira libertação das amarras que nos escravizam das ilusões mundanas as quais nos prendem ao egoísmo, ao apego, à ira, enfim, ao pecado. É-nos oferecido, assim, a vida em plenitude, a vida de Deus, em decorrência da radical transformação de nossa existência, do reconhecimento das verdades divinas como centro de nossa vida.

Dessa forma, convido todas e todos vocês a nos apropriarmos juntos da passagem bíblica indicada e refletirmos sobre ela, contextualizando-a em nosso cotidiano.

1Neste mesmo tempo, contavam alguns o que tinha acontecido a certos galileus, cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios. 2Jesus toma a palavra e lhes pergunta: “Pensais vós que esses galileus foram maiores pecadores do que todos os outros galileus, por terem sido tratados desse modo? 3Não, digo-vos. Mas se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo. 4Ou cuidais que aqueles dezoito homens, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, foram mais culpados do que todos os demais habitantes de Jerusalém? 5Não, digo-vos. Mas se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo”. 6Disse-lhes também esta comparação: “Um homem havia plantado uma figueira na sua vinha, e, indo buscar fruto, não o achou. 7Disse ao viticultor: Eis que três anos há que venho procurando fruto nesta figueira e não o acho. Corta-a; para que ainda ocupa inutilmente o terreno?”. 8Mas o viticultor respondeu: “Senhor, deixa-a ainda este ano; eu lhe cavarei em redor e lhe deitarei adubo. 9Talvez depois disso dê frutos. Caso contrário, mandarás cortá-la. (Lc 13,1-9)

A passagem bíblica sobre a qual nos debruçamos hoje ocorre no transcurso da viagem de Jesus à Jerusalém – física e espiritual (cf. Lc 9,51-19,28). Tal caminhada, ladeado pelos discípulos de então, ainda é feita por nosso Senhor, convidando cada um de nós para que estejamos sempre em sua companhia. No referido percurso, Jesus prepara seus seguidores de todos os tempos para a correta compreensão sobre os valores do Reino, com vistas a assumi-los como nossos e a vive-los cotidianamente. Cristo Jesus, além de preparar os discípulos da época para dar continuidade a sua obra e levar sua proposta salvífica a todos os cantos, dirige suas palavras a todos nós, para sermos, igualmente aos primeiros discípulos, mensageiros e testemunhas de suas palavras libertadoras, onde quer que estejamos.

Assim, no texto de hoje, somos convidados por Jesus, de forma veemente, à conversão ao Reino de Deus, convite este destinado a todos aqueles que se propõem a ouvi-Lo e a vivenciar sua Verdade.

No Evangelho deste domingo, deparamo-nos com duas distintas partes, mas que nos lançam, ambas, o convite à conversão.

Na primeira delas (cf. Lc 13,1-5), Jesus menciona dois fatos ocorridos, sem que, no entanto, sejam por nós detalhadamente conhecidos e narrados apenas por Lucas. Tanto o assassinato de alguns galileus por Pilatos, fato que corresponde ao conhecido caráter sanguinário do governador em questão, assim como a queda de uma torre perto da piscina de Siloé matando dezoito patriotas, são citados por Cristo Jesus, não com o intuito de uma narrativa histórica, tampouco visando amedrontar seus ouvintes, mas sim para nos lembrar que os envolvidos nas referidas tragédias não eram piores do que os não atingidos por elas. Certamente, Jesus utilizou estas duas terríveis situações apenas como exemplo de tantas outras acontecidas à época e em todos os tempos.

Sabemos que a opinião corrente judaica atribuía às tragédias ou graves infortúnios o rótulo de um desagrado ou castigo divino referente à culpa individual ou de seus antepassados, presumindo-se, dessa forma, a evidência de um pecado mais grave daqueles que sofriam de modo mais intenso ou incomum. Jesus, então, apresenta sua postura contrária a tal pensamento, ao destacar que, tais ocorridos, devem tão somente ser aproveitados como avisos, uma forma de chamar a atenção para a importância da conversão enquanto ainda existe a oportunidade de faze-lo. Refuta, assim, a doutrina judaica da retribuição pela qual apontava o culpado por grave pecado merecedor de ser atingido por alguma desgraça.

Partindo dessa premissa retributiva, os não atingidos pelas trágicas circunstâncias mencionadas por Jesus, ou por alguma outra desgraça, poderiam ser vistos como justos e não pecadores, ideia refutada pelo Mestre ao afirmar que “*se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo*” (v. 5), afirmativa direcionada aos presentes e a todos nós, devendo ser entendido como um convite à mudança de vida. Com sua fala, Jesus retira o peso de qualquer suposto castigo da decisão divina, entregando a cada um a responsabilidade pelas próprias ações. No gozo de sua plena liberdade, de seu livre arbítrio, o ser humano é o único protagonista em sua caminhada.

Com o intento de corrigir a aparente presunção de superioridade moral daqueles que não são atingidos pelas desgraças, Jesus destaca a importância de estarmos sempre alertas e atentos a todos os sinais e que, mesmo sem eles, devemos buscar, permanentemente, a nossa conversão. Ou seja, ninguém está bem, não há quem esteja, de fato, livre e isento de vivências inadequadas. Lembremo-nos das palavras de Paulo, ao posicionar-se contrário a esta presunção de perfeição, do equivocado olhar ao próximo de forma condenatória, do estímulo ao outro para conversão, como se já estivesse livre das amarras mundanas: “*Assim, pois, aquele que julga estar em pé, tome cuidado para não cair.*” (1Cor 10,12). Atentemo-nos, sempre, ao fato de que ninguém está plenamente convertido e, ao se julgar perfeito, aí então, a queda estará mais próxima.

Lamentavelmente, ainda presenciamos atualmente a fala de diversas pessoas, inclusive de alguns que se intitulam líderes religiosos, chamando a atenção para as desgraças que se abatem sobre seus identificados desafetos, como se fossem castigos divinos às suas “equivocadas” ações.

Jesus convida-nos a eliminar a equivocada mentalidade que inter-relaciona o pecado e o castigo. Ao reconhecermos nas boas coisas que nos acontecem uma recompensa divina diante de nosso bom comportamento e, contrariamente, com os nossos sofrimentos, o castigo para os nossos pecados, estaríamos acreditando, assim, em um deus mercantilista e chantagista, completamente distinto do Deus que cremos.

Na segunda parte do Evangelho de hoje, Jesus nos apresenta a parábola da figueira (cf. Lc 13,6-9), trazida a nós apenas por Lucas, que ilustra as oportunidades divinamente concedidas para a conversão, mas, ao mesmo tempo, a atenção que devemos ter para a sua importância e necessidade.

Em diversos trechos do Antigo Testamente, encontramos a citação da figueira e dos seus frutos, árvore originária do Oriente e utilizada como símbolo de Israel. Ao ser mencionada por Jesus, Ele assim o faz referindo-se, não apenas ao povo de Israel, mas a todos nós. Destaca sua expectativa em relação aos frutos que podemos e devemos dar, com nossas ações e nossa vivência cotidiana decorrentes de seus ensinamentos. Assim, a parábola por Ele apresentada está diretamente relacionada à nossa esperada conversão, ao nosso redirecionamento no sentido da libertação e santificação, por meio de nossa radical transformação. É-nos concedido, então, um tempo para tanto, um tempo para que tomemos consciência da importância de um novo rumo em nossa vida. Atentemo-nos, não para o aparente tom de ameaça, mas sim para o lembrete da importância da conversão. Jesus não nos ameaça, mas demonstra sua confiante expectativa, apresenta-nos a certeza de que suas Palavras serão acolhidas por nós e que serão convertidas em ações cotidianas.

Com a parábola da figueira, Jesus avança no convite para conversão, evidenciando a divina compaixão que, além de nos convidar, possibilita-nos o tempo necessário para as transformações almejadas. Há sempre uma oportunidade de mudança e, enquanto não a aproveitarmos, sofreremos pela distância existente entre nós e a presença explícita de Deus em nossa vida. Manter-nos-emos aprisionados ao egoísmo, ao apego, ao ódio, à cobiça e a tudo mais que nos prende a este mundo ilusório. O sofrimento não é um castigo divino, mas uma condição que nos mantém presos enquanto não redirecionarmos nosso caminhar. Auto infligimo-nos tal desagradável sentimento, aplicamo-nos a dor e as sanções de tal aprisionamento.

Questionemo-nos sempre, em especial neste tempo quaresmal: Em que devemos mudar? Já descobrimos Deus como o Deus de nossa vida, como o centro de nossa existência? Quais as nossas verdadeiras prioridades que tanto nos afastam de Deus e das suas propostas? Assumimos, verdadeiramente, a nossa responsabilidade, o nosso protagonismo na caminhada cotidiana? Por que, tão frequentemente, nos surpreendemos pensando que a conversão é para o outro, tendo em vista estarmos “sãos e salvos” por estarmos já no caminho correto em direção ao Pai, sem culpa nem pecado, demonstrando, além de um enorme desconhecimento, uma ousada presunção?

Busquemos, amados irmãos, a nossa sincera conversão que nos conduz à salvação, compreendendo tal missão como uma tarefa pessoal e intransferível. Sem dúvida que, para tanto, necessitamos da força do Santo Espírito que em nós habita, mas é imprescindível a responsabilidade de rompermos os muros que impedem a sua atuação transformadora em nossa vida. Lembremo-nos, sempre, que o próprio movimento de conversão já nos conduz, naturalmente, a derrubar tais obstáculos, levando-nos a nossa íntima relação com o Altíssimo, bem como a construção solidária de pontes de partilha com o próximo.

Um fraterno abraço e que a paz do Senhor esteja sempre presente na vida de todos vocês.

Milton Menezes.